

# “o grito, grito para todos.

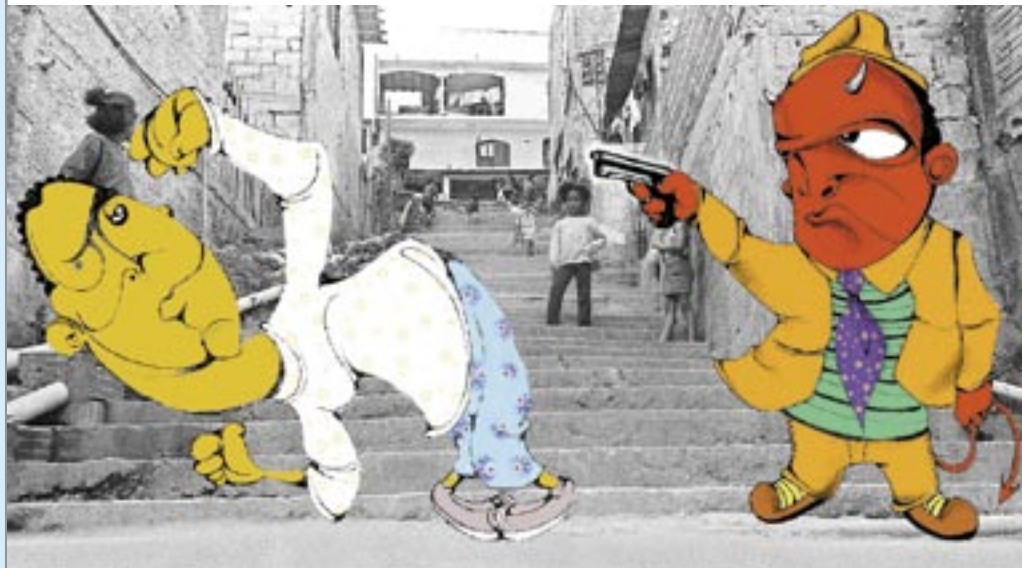


Ilustração de Ganu sobre Foto de Marisa Dias

As artes, como o teatro, a pintura e o cinema, estão sempre relacionadas à situação atual de um lugar ou povo. Nos tempos de ditadura militar, a música e o teatro representavam os mais fortes gritos de indignação contra o autoritarismo. Portinari pintou a seca do nordeste em sua maior crise, na época dos retirantes.

Os tempos mudaram, e os problemas tam-

bém, mas as formas de transformá-los em arte continuam as mesmas. Nessa reportagem, nós do Becos e Vielos selecionamos músicas e filmes e procuramos, na periferia sul de São Paulo, exemplos reais para entender até que ponto a ficção e as obras culturais se fazem presentes no cotidiano do Jardim Ângela, assim como em outras periferias brasileiras.

## da cidade de deus para o jardim ângela

Amanda Lacerda

Comentários e críticas sobre o filme “Cidade de Deus” já foram feitos em inúmeros jornais e revistas desde sua estréia.

Baseado no livro de Paulo Lins, o filme conta a história dos moradores e da formação da favela Cidade de Deus do início da década de 60 até hoje. A direção e adaptação do livro para o cinema contou com atores de um grupo de teatro da própria favela e com a colaboração de moradores, demonstrando uma preocupação em parecer o mais real possível.

Eu, como moradora do Jardim Ângela, quando assisti ao filme procurei transportar a história para o lugar onde eu vivo e refletir até que ponto elas são semelhantes.

O filme coloca em primeiro plano dois personagens, Zé Pequeno e Buscapé, que crescem juntos mas têm sonhos diferentes: um quer ser fotógrafo, o outro quer dinheiro.

Foi muito interessante ver no cinema as coisas que sabemos que acontecem aqui todos os dias: o envolvimento da polícia com o tráfico de drogas, as brigas e mortes por bocas de fumo, o trabalho da imprensa em mostrar a

prisão de um traficante \_como se resolvesse o problema, enquanto o crime organizado continua intacto dentro da favela.

O que choca é ver as crianças armadas, porque isso demonstra a garantia de continuidade dessa organização de forma até mesmo “hereditária”, pois Zé Pequeno era irmão de Cabeleira, um dos primeiros bandidos da Cidade de Deus. Ao contrário do que dizem os elitistas que nunca foram a nenhuma periferia, matar bandidos não significa o fim do tráfico e de toda essa organização.

No desenrolar do filme, os dois tomam rumos diferentes, mostrando que não é apenas a falta de oportunidade que define suas vidas mas também o abandono e a rejeição os transformam em mocinhos ou bandidos.

Encontrei as semelhanças que procurava no dia-a-dia olhando ao redor, e descobri que os fatos explicitados no cinema estão implícitos no cotidiano dos moradores do Jardim Ângela e de outras periferias brasileiras.

# todos gritam, mas não escuto e para eles sou mudo.” Ganu

## uma onda no ar

Fabiana Verissimo

O filme trata de uma questão que quase nunca é abordada em filmes, já que a maioria que fala de periferia só aborda a questão da violência. Esse filme é diferente porque mostra o que um jovem da periferia tem a dizer sobre a sua própria condição, acuado pela violência e discriminado pela sociedade. A única maneira que alguns jovens têm para expressar sua revolta contra a sociedade é através de uma arma. Felizmente outros procuram saídas diferentes: música, artes ou simplesmente se calam.

Para um jovem da periferia, assistir ao filme “Uma Onda no Ar” é como se ver na tela do cinema. E o filme é um exemplo de que devemos ser críticos em relação a essa condição. Afinal de contas, o filme é baseado em fatos reais. Há cerca de 20 anos entrou no ar uma rádio pirata chamada Rádio Favela, em Belo Horizonte. O filme serve de alerta para o jovem nunca se calar diante da injustiça. E o que mais choca no filme é a repressão que eles sofreram. E essa repressão continua até hoje e só vai acabar quando cada um tiver a consciência de que deve lutar pelos seus direitos e que não é se omitindo ou se acomodando que as coisas vão melhorar



Dj Bola, locutor do programa Nosso Som, da rádio comunitária Sampa FM  
Foto de Fabiana Verissimo

“Eu tenho um programa na rádio, e o horário é pago. A idéia foi de um parceiro meu, o Negro Antão. O intuito da rádio é tocar rap e levar pra frente a cultura hip hop. A gente fala de drogas, violência e o intuito mesmo é alertar e levar música, mas os federais boicotaram a rádio, eles não querem que a gente fale a verdade.

O rap não tá todo dia na mídia, mas tá comendo pelas beiradas, o hip hop muda o pensamento das pessoas. Eu tenho medo da mídia, ela te glorifica e depois te massacra. A mídia é um bicho de trocentas cabeças. Por causa do jeito da gente falar e andar, se a gente vai lá na Paulista, todo mundo fica olhando estranho. A mídia passa uma visão de que todo mundo aqui da periferia é violento, mas a violência não acontece só aqui. Teve aquela menina lá que matou o casal de burgueses, os pais”.

Marcelo Silva Rocha, 21, DJ Bola, locutor do programa Nosso Som da rádio comunitária Sampa FM 89,5 que fica no JD Ângela na zona sul da periferia de São Paulo. O programa vai ao ar aos sábados, das 18:00 às 21:00, e aos domingos, das 16:00 às 18:00

Érica Silva, Francielle Rodrigues, Lígia Cristina

“O filme ‘Cidade de Deus’, retrata bem a realidade. É praticamente igual: crimes, tráficos, pessoas matam e morrem por nada. Muitas vezes moramos há uma rua da favela, e não fazemos idéia de como as coisas realmente acontecem lá. E o filme, como a realidade, acaba em morte”.

Carlos Bittencourt, 23 anos, morador do Vaz de Lima, periferia sul de São Paulo

Rogério Oliveira

“Me criei aqui. Com dez anos entrei no crime. Hoje sou meu patrão, mas espero que eu não sirva de exemplo pra ninguém.”

Jovem de aproximadamente 25 anos, traficante da periferia sul de São Paulo

Fabiana Verissimo, Jefferson Lopes e Roberval Oliveira.

**“Miséria S.A.” Rappa**  
Senhoras e senhores estamos aqui  
Pedindo uma ajuda por necessidade  
Pois “temo” irmão doente em casa  
Qualquer trocadinho e bem recebido  
Vou agradecendo antes de mais nada  
Aqueles que não puderem contribuir/  
Deixamos também o nosso muito  
obrigado/ Pela boa vontade e  
atenção dispensada/ Vamos  
agradecendo antes de mais nada /  
Bom dia passageiros/É o que lhes  
deseja/ A miséria s.a./ Que acabou  
de chegar”

A música “Miséria S.A.”, gravada pelo grupo Rappa, transcreve a triste fala daqueles que entram nos ônibus para pedir trocados.

Com os mesmos trejeitos e boa educação de rapazes que já vimos em algum ônibus, o homem da música fala com os passageiros explicando sua necessidade, deixando claro que qualquer trocado fará diferença, agradecendo e, por fim, lhes desejando “bom dia”.

Mas a grande chave da música é transformar esse texto tantas vezes ouvido e, infelizmente, tão corriqueiro em uma música irônica, enfocando a miséria como organização, comparando-a a sociedades anônimas feitas em inúmeras empresas em nome do lucro e onde os associados com certeza não andam de ônibus. Enquanto toda a sociedade fecha os olhos para o problema da miséria, a música está por aí para que estes supostos cegos e surdos a escutem.

Fabiana Verissimo

Juliana Santos, Amanda Lacerda e Jaqueline Alves

*“É muito humilhante [vender balas dentro de ônibus]. Dependo da boa vontade dos motoristas e tem gente que não valoriza esse trabalho. Sou o único da minha família que vende, desde os 12 anos, balas dentro dos ônibus, mas conheço uma família em que todos trabalham no farol do Largo do Socorro.”*  
Bruno, 16, vendedor de balas em ônibus que partem do terminal Santo Amaro, em São Paulo



Muro do cemitério São Luiz, na periferia sul de SP/Foto Francielle Rodrigues

**“O Calibre”\_Paralamas do Sucesso**

Porque caminhos você vai e volta, aonde você nunca vai, em que esquinas você pára, a que horas você nunca sai, há quanto tempo você sente medo, quantos amigos você já perdeu...

Vivemos acuados pela violência, com medo de passar por certos lugares, medo de ser assaltados e mortos, somos prisioneiros em nossas próprias casas. Muitos pensam que não têm nada a ver com isso \_que é dever do Estado acabar com a violência, mesmo que seja com a cadeira elétrica\_, mas não sabem ou fingem não saber que a sociedade é que fabrica a violência da qual somos reféns!

Fabiana Verissimo

Francielle Rodrigues, Érica Silva e Lígia Cristina

*“Já perdi uns 20 amigos desde que me entendo por gente, todos assassinados. Na vida, corremos riscos. Muitos morrem sem ter nada a ver, outros porque se envolvem com más companhias. Os amigos procuram rumos diferentes.”*  
Carlos Bittencourt, 23 anos, morador do Vaz de Lima, durante o velório do vizinho, que já havia perdido dois filhos assassinados, no cemitério São Luís periferia sul de São Paulo

*“Um dia sua hora vai chegar. Pra morrer basta estar vivo. Se você tiver medo de morrer, nem sai na rua.”*  
Três amigos no cemitério São Luiz, que além de estarem no velório do tio, aproveitaram para visitar o túmulo de um “irmão de consideração”, que morreu assassinado há um mês

**“Hey Joe”\_O Rappa com Marcelo D2**

Hey Joe, pra onde é que você vai com essa arma aí na mão. Hey Joe, esse não é um atalho pra sair dessa condição... Eu sei que sou caçado e visto sempre como um animal! / Sirene ligada, os homi chegando.../ Mas eu vou me mandando./Hey Joe, muitos castelos já caíram e você tá na mira / Também morre quem atira!

Essa música trata de dois jovens conversando sobre suas vidas, um aconselhando o outro, dizendo ao amigo que não vale a pena cair no crime. A vida que eles levam é ruim, mas o pior é não poder curtir as coisas boas da vida... A música também diz que matar alguém é morrer um pouquinho também.

Fabiana Verissimo

Juliana Ferreira e Rogério Oliveira

*“Um homem precisa de armas para se defender, se um bandido pode andar armado, porque um cidadão também não pode? Já fui segurança e teve noites em que trabalhei com três armas.”*  
*“A arma não tem culpa, o culpado é quem está com ela. Quem diz que uma arma dispara sem querer, mente.”*  
*“A violência do país é a droga. Criança que anda armada é porque tem instinto de criminalidade.”*  
José, 71 anos, acusado de ter matado sua esposa de 70 anos com dois tiros na cabeça, quando tentou defendê-la dos seus cachorros, que a estavam atacando. Ele nega essa versão. Ficou preso três dias e foi libertado. Agora mora com o filho de 34 anos e com seus cachorros

**festa**

É dia de festa.  
Passa o natal  
Ano novo e  
Chega o carnaval  
Não passa a fome  
Nem a fuvest  
Não passa a R\$ealidade  
O que comemorar?  
A morte?  
Chega de cinismo  
Rico  
Branco  
Cego  
Podres.  
Finges não ver  
E eu não existir  
Os dias chegam  
Os filhos  
O preconceito  
E a morte  
Desde que  
Eu virei gente  
Suspeito se assim um dia vou viver  
I se eu disser que janto a  
Garganta se lembrará da saliva  
Um, dois, sete filhos  
Alessandro é o menor e o  
Leite também que  
De tão menor nem tem  
Alívio foi ver  
David estudando  
Enquanto os outros  
Ainda por uma vaga esperando.

Francielle Rodrigues

Becos e Velas Z/S é uma publicação da Oficina Experimental de Jornalismo módulo Jd. Angela criada pela Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal. O projeto envolve jornalistas, artistas gráficos e fotógrafos e acontece no bairro do Jardim Ângela, extrema zona sul da capital paulista. Os textos e fotos aqui publicados foram todos produzidos por jovens da periferia que participam do projeto.  
APOIOS: Revista Simples, Instituto Ayrton Senna, Máquina da Notícia, Folha de S. Paulo e Associação de Defesa Ambiental Ângela de Cara Limpa.  
PARTICIPANTES: Amanda Lacerda, Érica Silva de Souza, Fabiana Verissimo, Francielle Rodrigues, Juliana Silva Ferreira, Roberval Oliveira, Rogério Oliveira, Jaqueline Alves, Lígia Cristina, Jefferson Lopes, Carlos Oliveira e Claudio Sacramaneto (Ganu).  
VOLUNTÁRIOS: Alessandro Nery, Alexa Castelblanco, Armando Antenore, Fernanda Mena, Joana Brasileiro, Marlene Bergamo, e Marilene Felinto.  
Para entrar em contato becoszs@ig.com.br.